

Entrevistas da Semana

Jacques Le Goff e a reinvenção da história

Professor Igor Teixeira faz um resgate das principais obras do historiador francês e traça um perfil da produção intelectual de Le Goff

POR MÁRCIA JUNGES E RICARDO MACHADO

No dia 1º abril, morreu, em Paris, o historiador francês Jacques Le Goff, aos 90 anos. No ensejo das homenagens e reconhecimentos pelo trabalho realizado na área da história, campo em que se dedicou ao longo de toda sua trajetória profissional e se tornou reconhecido, a **IHU On-Line** entrevistou por e-mail o professor Igor Teixeira, que aborda a importância do pensamento de Le Goff. “Herdeiro de temáticas e de abordagens realizadas por Marc Bloch, um dos fundadores dos *Annales*, Le Goff apresentou uma série de análises sobre aspectos variados da sociedade medieval. A obra na qual essa contribuição é significativa, por exemplo, é *Para um novo conceito de Idade Média* (Lisboa: Estampa, 1995). Ali encontramos estudos sobre a relação tempo e trabalho; trabalho e sistemas de valores; cultura erudita e cultura popular; e sobre a chamada antropologia histórica”, explica Igor Teixeira.

“De um modo geral, o conjunto da obra de Le Goff lançou luzes sobre o estudo do imaginário, da ampla utilização de expressões literárias como documentação importante para o estudo do período medieval e sobre a produção de conhecimento na Idade Média.

Ao abordar temas como *Os intelectuais* e evidenciar métodos de leitura, análise, conteúdo dos *curricula* universitários e suas despesas, esse autor problematizou a ideia da Idade das Trevas, abandonando-a em prol de uma Idade Média na qual existiam, sim, muitas guerras, miséria e fome, mas também afirmando que Platão e Aristóteles, por exemplo, não passaram despercebidos entre os séculos V e XV”, analisa o entrevistado. “Muitas vezes, pensa-se que na Idade Média as pessoas eram mais ‘ignorantes’ e que acreditar em santos e em demônios era mais comum. Porém, o papa que mais efetuou canonizações foi João Paulo II”, complementa.

Igor Salomão Teixeira é graduado em História pela Universidade Federal de Viçosa – UFV, mestre e doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Realizou estágio de doutorando na *École des Hautes Études en Sciences Sociales – Groupe d’Anthropologie Scolastique*, entre 2009 e 2010. Atualmente é professor Adjunto de História Medieval no Departamento e no Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quem foi Jacques Le Goff?

Igor Teixeira – Jacques Le Goff nasceu em Toulouse no dia 1º de janeiro de 1924. Faleceu em Paris no dia 1º de abril de 2014, aos 90 anos.

Historiador de formação, dedicou a maior parte de sua carreira acadêmica aos estudos sobre a Idade Média. Exemplo disso é seu primeiro livro, publicado em 1956, *Mercadores e Banqueiros na Idade Média* (São

Paulo: Martins Fontes, 1991), e um dos seus últimos livros, publicado em 2011, *À procura do tempo sagrado: Jacopo de Varazze e a Legenda áurea* (este sem tradução para o português – No original: *A la recherche du temps*

sacré. *La légende dorée de Jacques de Voragine*. Paris: Perrin, 2011). Recentemente foram traduzidas duas obras desse autor: *A Idade Média e o Dinheiro* (Rio de Janeiro: Record, 2013) e *Homens e Mulheres da Idade Média* (São Paulo: Estação Liberdade, 2014). O autor também publicou uma série de estudos mais relacionados à teoria e metodologia da história, como o bastante conhecido *História e Memória* (Campinas: Editora da UNICAMP, 1990), e seu último livro, *É realmente necessário separar a história em tiras? (Faut-il vraiment découper l'histoire en tranches?)* Paris: Le Seuil, 2014), sem tradução para o português até o momento. Le Goff atuou também de forma institucional ao presidir, após Fernand Braudel¹, a sexta seção da École Pratique des Hautes Études, atual École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), destino de muitos pesquisadores brasileiros nas áreas de História, Filosofia e Ciências Sociais².

IHU On-Line – Qual é o contexto do surgimento dos Annales³, o que são eles e qual é a sua importância para a historiografia?

Igor Teixeira – Após a Primeira Guerra Mundial e a localização de muitos jovens pesquisadores em uni-

“O conjunto da obra de Le Goff lançou luzes sobre o estudo do imaginário”

versidades fora dos grandes centros, gerou-se uma intensa colaboração e reflexão sobre a história e seus métodos. Marc Bloch⁴ e Lucien Febvre⁵ desde 1920 tentavam, em diálogo com outros colegas de Estrasburgo, fundar uma revista. Essa negociação teve fim em 1929, quando a editora Armand Colin, de Paris, adotou a proposta.

Na base da proposta da revista estavam: a) interdisciplinaridade; b) a relação importante e indissociável entre passado e presente – que fundamentava a noção de *história problema*; c) o imperativo do conhecimento indireto sobre o passado, que transmite a ideia de construção e que, por isso, o historiador devia estar atento às condições, elementos e problemas que podiam ser objeto de história. A partir da noção da história como “ciência dos homens no tempo”, houve uma multiplicação do que poderia ser estudado em trabalhos de historiadores.

Nos primeiros tempos da revista também houve certo distanciamento da história política, classificada muitas vezes como história tradicional, que daria conta apenas da “evolução” das instituições. Como indicava o título original do periódico, o foco estava na história econômica e social. A revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale* mudou de nome algumas vezes de sua fundação à década de 1990. Atualmente sob o título de *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, é publicada pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, antiga VI seção da

École Pratique des Hautes Études de Paris⁶.

Como indicado anteriormente, Jacques Le Goff foi um dos criadores desse centro autônomo de altos estudos. Também foi um dos diretores da revista dos *Annales*. Tratava-se de uma direção “colegiada”, descentralizada, como nas duas “gerações” anteriores, a saber, a de Bloch e Febvre e a de Fernand Braudel e Charlez Morazé⁷. Le Goff, juntamente com André Burguière⁸, Marc Ferro⁹, Emmanuel Le Roy Ladurie¹⁰ e Jacques Revel¹¹ comandaram uma reorientação dos interesses da revista. Segundo Christian Delacroix¹², François Dosse¹³ e Patrick Garcia, a

6 <http://Annales.ehess.fr/>.

7 **Charles Morazé** (1913-2003): foi um historiador que teve importante contribuição à institucionalização das ciências humanas na França. (Nota da IHU On-Line)

8 **André Burguière** (1938): foi diretor da l'École des hautes études en sciences sociales. Especialista em história da família e da população na época moderna, contribuiu ao desenvolvimento da antropologia histórica na área da história das mentalidades. (Nota da IHU On-Line)

9 **Marc Ferro** (1924): historiador francês. Foi codiretor da revista *Les Annales (Économies, Sociétés, Civilisations)*, ensinou na l'École polytechnique, foi diretor de estudos na IMSECO (Institut du Monde Soviétique et de l'Europe Central et Oriental), membro do Comitê de redação do Cahiers du monde russe et soviétique e professor visitante nos EUA, Canadá, Rússia e Brasil. (Nota da IHU On-Line)

10 **Emmanuel Le Roy Ladurie** (1929): historiador francês, especialista no *ancien régime* e na história do povo camponês. É pioneiro na pesquisa em micro-história, parte da corrente conhecida como a Nova História. É autor de diversos livros, entre eles *Saint-Simon e o sistema da corte* e *História dos Camponeses Franceses: da Peste Negra à Revolução*. (Nota da IHU On-Line)

11 **Jacques Revel**: historiador francês, ex-presidente da École des Hautes Études en Sciences Sociales. Autor, entre outros, de *Jogos de Escalas: A Experiência da Microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, e *A invenção da sociedade*. São Paulo: Difel, 1999. (Nota da IHU On-Line)

12 **Christian Delacroix**: historiador francês originário de família operária, iniciou sua militância política na esquerda, desde muito jovem, e foi fortemente marcado pelos acontecimentos de maio de 1968. Formado em filosofia na Sorbonne, direcionou seus estudos para a área de História quando foi aprovado para a École Normale Supérieure de Saint-Cloud. (Nota da IHU On-Line)

13 **François Dosse** (1950): historiador e epistemólogo francês, especialista em história intelectual. (Nota da IHU On-Line)

1 **Fernand Braudel** (1902-1985): historiador francês cuja obra destaca o poder dos mercados no desenvolvimento da civilização. Foi aluno de Lucien Febvre e ajudou a fundar a Escola dos Annales. Braudel veio ao Brasil em 1935 para ajudar a fundar a Universidade de São Paulo. É autor de livros como *A Identidade da França* (Globo), *Civilização Material, Economia e Capitalismo, O Espaço e a História do Mediterrâneo* (ambos pela Martins Fontes), entre outros. (Nota da IHU On-Line)

2 Mais informações: SILVA, A.C. L. F. da; SILVA, L. R. da. “Jacques Le Goff”. In: LOPES, M. A.; MUNHOZ, S. J. (Org.). *Historiadores de nosso tempo*. São Paulo: Alameda, 2010, v. 1, p. 135-152. (Nota do Entrevistado)

3 **Escola dos Annales**: a chamada escola dos Annales constitui-se num movimento historiográfico. Recebe essa designação por ter surgido em torno do periódico acadêmico francês *Revue des Annales*, tendo se destacado por incorporar métodos das Ciências Sociais à História. Em geral, divide-se a trajetória da escola em quatro fases: primeira geração, liderada por Marc Bloch e Lucien Febvre; segunda geração, dirigida por Fernand Braudel; terceira geração, vários pesquisadores tornaram-se diretores; e quarta geração, a partir de 1989. (Nota da IHU On-Line)

4 **Marc Léopold Benjamim Bloch** (1886-1944): foi um historiador francês notório por ser um dos fundadores da Escola dos Annales; foi morto pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. (Nota da IHU On-Line)

5 **Lucien Febvre** (1878-1956): historiador francês, cofundador da Escola dos Annales. (Nota da IHU On-Line)

chamada terceira geração dos *Annales*, a partir de 1968, marca uma aproximação acentuada com a antropologia e com a ideia de uma temporalidade mais lenta. Para esses autores, há uma orientação nítida para temas do cotidiano, como casamento, batizado, nascimento e morte. Essas abordagens também passam a ser vistas como processos de mudanças lentas¹⁴. E essa é uma das características marcantes da chamada história das mentalidades.

IHU On-Line – Quais são as peculiaridades e a originalidade de sua “história das mentalidades”?

Igor Teixeira – A principal característica em torno da noção de mentalidade – da qual Jacques Le Goff foi, talvez, o porta-voz mais proeminente – é a sua imprecisão conceitual. Nos anos 1960, os historiadores envolvidos no projeto da revista *Annales* procuraram se distanciar das abordagens marxistas, que consideram a luta de classes como foco privilegiado de análise.

Em importante texto, o próprio Jacques Le Goff afirmou que se tratava de uma “história ambígua”¹⁵. Porém, essa ambiguidade foi duramente criticada na medida em que se pretendia analisar o que os homens e as mulheres de uma sociedade pensavam em comum sobre diferentes aspectos. Essa história das mentalidades, ao mesmo tempo em que jogava luz sobre as crenças, a psicologia e os sonhos – que provocou amplo eco na produção historiográfica posterior,

14 DELACROIX, C.; DOSSE, F.; e GARCIA, P. *Correntes historiográficas na França: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: FGV, 2012. Especificamente capítulos 3, 4 e 5. pp. 137-320. Indico também: BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: UNESP, 1997. REIS, J. C. *O desafio historiográfico*. Rio de Janeiro: FGV, 2010. (Nota do Entrevistado)

15 LE GOFF, J. “As mentalidades: uma história ambígua”. In: IDEM; NORA, P. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. pp. 68-83. Outras reflexões podem ser lidas em: BOUREAU, A. “Propositions pour une histoire restreinte des mentalités”. *Annales Économies Sociétés Civilisations*, Paris: Armand Collin. 44e Année, nº6, nov-déc, 1989. pp.1491-1504. DARTON, Robert. “a História das Mentalidades - o caso do olho errante”. In: *O Beijo de Lamourette*, São Paulo: Companhia das Letras, 1990, pp.225-255. (Nota do Entrevistado)

até os dias de hoje, sob novos nomes como história das práticas e das representações, imaginário, “nova história”, “história cultural”, “nova história cultural” – era acusada de acabar com as diferenças entre grupos sociais, entre as classes¹⁶.

IHU On-Line – Em que sentido os estudos de Le Goff renovaram a visão que tínhamos da Idade Média?

Igor Teixeira – O legado de Jacques Le Goff na renovação dos estudos sobre o período medieval está diretamente relacionado às duas perguntas anteriores. Herdeiro de temáticas e de abordagens realizadas por Marc Bloch, um dos fundadores dos *Annales*, Le Goff apresentou uma série de análises sobre aspectos variados da sociedade medieval. A obra na qual essa contribuição é significativa, por exemplo, é *Para um novo conceito de Idade Média* (Lisboa: Estampa, 1995). Ali encontramos estudos sobre a relação tempo e trabalho; trabalho e sistemas de valores; cultura erudita e cultura popular; e sobre a chamada antropologia histórica. Nas duas primeiras partes há uma interessante reflexão sobre como Jules Michelet¹⁷ (1798-1874) abordava o período medieval. Mas destaco dois capítulos sobre o tempo: “Na Idade Média: Tempo da Igreja e tempo do mercado” e “O tempo do trabalho na crise do século XIV: do tempo medieval ao tempo moderno”. Igualmente importantes são os capítulos sobre “Cultura eclesiástica e cultura folclórica na Idade Média: São Marcel de Paris e o Dragão” e “Os sonhos na cultura e a psicologia coletiva do Ocidente medieval”. Esse historiador também circulava de forma singular entre obras de síntese e divulgação, como *A civilização do Ocidente Medieval* (Bauru: Edusc, 2005) e *Heróis e Maravilhas da Idade Média* (Petrópolis: Vozes, 2011), e estudos extremamente densos e, até mesmo, de difícil compreensão em uma primeira leitura, como a biografia de *São Luís*.

16 Sobre esse assunto, uma interessante síntese: PESAVENTO, S. J. *História & História Cultural*. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. (Nota do Entrevistado)
17 Jules Michelet (1798-1874): foi um filósofo e historiador francês. (Nota da IHU On-Line)

De um modo geral, o conjunto da obra de Le Goff lançou luzes sobre o estudo do imaginário, da ampla utilização de expressões literárias como documentação importante para o estudo do período medieval e sobre a produção de conhecimento na Idade Média. Ao abordar temas como *Os intelectuais* e evidenciar métodos de leitura, análise, conteúdo dos *currícula* universitários e suas despesas, esse autor problematizou a ideia da Idade das Trevas, abandonando-a em prol de uma Idade Média na qual existiam, sim, muitas guerras, miséria e fome, mas também afirmando que Platão¹⁸ e Aristóteles¹⁹, por exemplo, não passaram despercebidos entre os séculos V e XV.

IHU On-Line – Quais foram os temas fundamentais sobre a Idade Média a respeito dos quais Le Goff se debruçou?

Igor Teixeira – Le Goff estudou praticamente tudo sobre a Idade Média ocidental. Alguns temas de forma mais aprofundada, outros, nem tanto. Na sua vasta produção bibliográfica identificamos, então, abordagens e análises sobre economia, religião e religiosidades, cidades, corpo.

18 Platão (427-347 a.C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* (São Paulo: Editora Edipro, 2012) e *Fédon* (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira a entrevista *As implicações éticas da cosmologia de Platão*, concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da revista *IHU On-Line*, de 04-09-2006, disponível em <http://bit.ly/pteX8f>. Leia, também, a edição 294 da revista *IHU On-Line*, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em . (Nota da IHU On-Line)

19 Aristóteles de Estagira (384-322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira, um dos maiores pensadores de todos os tempos. Suas reflexões filosóficas – por um lado originais e por outro reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou inigualáveis contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia, história natural e outras áreas de conhecimento. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da IHU On-Line)

Em todas essas obras podemos destacar um especial interesse do autor em relação às produções literárias e teológicas. Inclusive, segundo o próprio Le Goff, seus livros preferidos eram *Os intelectuais na Idade Média* (Rio de Janeiro: José Olympio, 2006) e *O nascimento do purgatório* (Lisboa: Estampa, 1995). E, talvez, nesse aspecto, estejam as principais contribuições do autor aos estudos medievais. As ideias sobre mentalidade e imaginário, por exemplo, se destacam nas discussões entre especialistas, tanto para criticar quanto para desenvolver aspectos indicados por aquele historiador. Dessa forma, além das obras já mencionadas anteriormente, podemos indicar, como elementos interessantes da diversificada análise que o autor realizou sobre o período medieval, os seguintes livros: *A civilização do Ocidente Medieval* (2005); *Para um novo conceito de Idade Média* (1995); *São Luís* (Rio de Janeiro: Record, 1999, obra que, segundo o autor, foi a que mais apresentou obstáculos para a realização da pesquisa e confecção do livro); e a mais recente, em língua portuguesa, *A Idade Média e o dinheiro* (2013).

IHU On-Line – O que ele queria dizer com “Longa Idade Média”?

Igor Teixeira – A tese da longa Idade Média está diretamente relacionada ao conceito de mentalidade, ou, no mínimo, à forma como Jacques Le Goff entendia a passagem e a transformação lenta e a longa duração dos processos históricos. Entrevistas e reflexões desse autor foram reunidas no livro *Uma longa Idade Média* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008), publicado no Brasil. As entrevistas foram publicados na revista *L’Histoire*, entre 1980 e 2004.²⁰ Nessa série de declarações, Le Goff afirma explicitamente que as datas que são fixadas para marcar o início e o final dos períodos históricos prestam um desserviço à reflexão. O autor reforça o argumento repetido por inúmeros historiadores de que a Idade Média nasceu do “desprezo” dos humanistas e renascentistas dos séculos XV e

20 LE GOFF, J. *Uma Longa Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. (Nota do Entrevistado)

“Muitas vezes, pensa-se que na Idade Média as pessoas eram mais ‘ignorantes’ e que acreditar em santos e em demônios era mais comum”

XVI.²¹ No entanto, para Le Goff, a Idade Média só acabou com a Revolução Francesa. Essa reflexão sobre o tempo e os processos históricos na longa duração, é, portanto, um traço característico do conjunto dos estudos desse historiador. A tese da longa Idade Média também pode ser verificada na obra de Jérôme Baschet²², a saber, *A civilização feudal: do ano mil à colonização da América*²³.

IHU On-Line – Quais foram suas descobertas a respeito do purgatório na Idade Média?

21 Como se trata de argumento consolidado na historiografia medievalista, as sínteses de AMALVI, C. “Idade Média”. In: LE GOFF, J. e SCHMITT, J-C. (dirs). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru: EDUSC, 2006. Vol.1, pp. 537-551. De forma mais didática, indico: FRANCO JÚNIOR, H. *A Idade Média: O Nascimento do Ocidente*. 2ªed. São Paulo: Brasiliense, 2011. (Nota do Entrevistado)

22 Jérôme Baschet: é autor do livro *A Civilização Feudal* (Rio de Janeiro: Globo, 2006). Trata-se de um dos principais especialistas em Idade Média. Concedeu a entrevista *Idade Média, nosso antimundo*, para a IHU On-Line, edição 198, de 02-10-2006, disponível em <http://bit.ly/1iAHZUL>. (Nota da IHU On-Line)

23 BASCHET, J. *A Civilização Feudal: do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006. Para entendimento mais amplo sobre Jacques Le Goff e questões sobre o tempo: RUST, L. D. “Jacques Le Goff e as representações do tempo na Idade Média”. *Fênix: Revista de História e Estudos Culturais*, vol.5, Ano V, n.2. abril/junho-2008. Disponível online em: http://www.revistafenix.pro.br/PDF15/Artigo_11_ABRIL-MAIO-JUNHO_2008_Leandro_Duarte_Rust.pdf. Consultado em abril de 2014. (Nota do Entrevistado)

Igor Teixeira – Le Goff afirmou ao historiador brasileiro Hilário Franco Júnior²⁴ que o livro *O nascimento do purgatório* é um de seus favoritos²⁵. O livro é dividido em três partes e considera uma ampla relação entre os homens e o além. A originalidade desse “terceiro lugar”, que é o purgatório, está, dentre outras coisas, na constituição de uma nova relação entre os vivos e os mortos. Para criar esse novo lugar, a igreja cristã realizou amplas reflexões teológicas, litúrgicas e pastorais. Isso, por si só, já foi importantíssimo, pois boa parte do desenvolvimento filosófico entre os séculos XII e XIII veio a partir da necessidade de caracterizar o purgatório. Por exemplo: Qual o lugar para cada pecador? Quanto tempo purgar? Como seriam as penas? E o que fazer com os que viveram antes do cristianismo? Para responder a essas perguntas, teólogos criaram categorias de pecados (carnais, veniais). Os sete pecados capitais ganham, nesse período, uma formulação mais elaborada. Um clássico da literatura ocidental nasceu e se consolidou a partir dessa proposição. Estamos falando da obra *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri (São Paulo: Atena, 1955).

IHU On-Line – Historiador renomado, Le Goff era, também, atento ao mundo no qual vivia. Como se dava seu diálogo com os tempos em que vivia?

Igor Teixeira – Le Goff produziu, desde 1966, o programa *Les Lundis de l’histoire* para a rede *France Culture*. O programa de rádio colocava o Jacques Le Goff historiador, dos livros, da erudição, em uma situação ainda inco-

24 Hilário Franco Júnior: historiador especialista em História da Idade Média, disciplina que ensina há vários anos na Universidade de São Paulo. A maior parte de suas publicações também tem como tema a História Medieval, dentre elas duas premiadas com o Jabuti da Câmara Brasileira do Livro (*A Eva barbada - Ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: Editora da USP, 1996; e *Cocanha - A história de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998). (Nota da IHU On-Line)

25 Ver a entrevista realizada pelo historiador brasileiro Hilário Franco Júnior com Jacques Le Goff e publicada na revista *Signum*, da Associação Brasileira de Estudos Medievais, em 1998. (Nota do Entrevistado)

– incorporou essa crença universalista e monoteísta como parte de sua expressão política, podemos, então afirmar que o cristianismo é um legado romano. Aliado a isso, as recentes canonizações de Frei Galvão³⁰, Padre Anchieta³¹ e os processos de Nhá Xica³² e Odetinha³³ trouxeram à tona, no Brasil, uma série de manifestações sobre a crença em milagres e nesses seres excepcionais, que são os santos. Mais recentemente, ainda, a canonização

IHU On-Line – Em entrevista à revista IHU On-Line em 2006, Le Goff afirmou que Roma exerceu um papel paradoxal para o surgimento da Idade Média, pois era seu alimento e paralisia. Quais são os nexos que permanecem desse legado romano da Idade Média até nossos dias?

Igor Teixeira – Vou responder a essa pergunta a partir do meu objeto de pesquisa, a saber, o culto aos santos²⁹. Considerando o cristianismo como um fenômeno dos tempos romanos e que progressivamente o chamado Império Bizantino – ou, simplesmente, Império Romano (porque entendiam-se como continuadores de Roma e não necessariamente algo diferente do que acontecia no Ocidente) com sede em Constantinopla

26 No dia 5 de abril de 2014 a rede *France Culture* disponibilizou o áudio de programas mais antigos, como a entrevista realizada por Le Goff a Paul Veyne na ocasião da publicação do livro *Como se escreve a história*. Disponível em: <http://www.franceculture.fr/emission-les-nuits-speciales-la-nuit-speciale-jacques-le-goff-2014-04-05>. Acesso em 24 de abril de 2014. (Nota do Entrevistado)

27 Exemplo interessante é a obra *A Idade Média explicada aos meus filhos*, que o autor publicou em 1996. (Nota do Entrevistado)

28 Fazemos nova menção à entrevista concedida por Le Goff a Hilário Franco Júnior. (Nota do Entrevistado)

29 TEIXEIRA, I. S. *Como se constrói um santo: a canonização de Tomás de Aquino*. Curitiba: Prisms, 2014. NO PRELO. (Nota do Entrevistado)

– incorporou essa crença universalista e monoteísta como parte de sua expressão política, podemos, então afirmar que o cristianismo é um legado romano. Aliado a isso, as recentes canonizações de Frei Galvão³⁰, Padre Anchieta³¹ e os processos de Nhá Xica³² e Odetinha³³ trouxeram à tona, no Brasil, uma série de manifestações sobre a crença em milagres e nesses seres excepcionais, que são os santos. Mais recentemente, ainda, a canonização

30 **Frei Galvão ou Santo Antônio de Sant'Ana Galvão** (1739-1822): foi um frade brasileiro. Não se sabe ao certo o dia do seu nascimento e o local exato de batismo, supõe-se que tenha sido batizado na Matriz de Santo Antônio em Guaratinguetá, mas os registros de batismo da igreja deste período estão desaparecidos. Têm-se atribuído 10 de maio como data de seu nascimento, mas sem nenhuma comprovação documental. Uma das figuras religiosas mais conhecidas do Brasil, famoso por seus poderes de cura. (Nota da IHU On-Line)

31 **José de Anchieta** (1534-1597): jesuíta espanhol, um dos fundadores de São Paulo e declarado beato pelo papa João Paulo II. É chamado de Apóstolo do Brasil. Tendo o padre Manuel da Nóbrega, Provincial dos Jesuítas no Brasil, solicitado mais sacerdotes para a atividade de evangelização do Brasil, o Provincial da Ordem, Simão Rodrigues, indicou, entre outros, José de Anchieta. Instruído nas humanidades, utilizava as artes e o teatro para catequizar os índios. Graças à facilidade com a escrita e com o aprendizado de idiomas foi o primeiro a sistematizar o idioma tupi em uma gramática, publicada integralmente em 1595. (Nota da IHU On-Line)

32 **Francisca de Paula de Jesus**, mais conhecida como **Nhá Chica** (1810-1895): é uma leiga brasileira considerada beata pela Igreja Católica. Filha e neta de escravos, Francisca de Paula de Jesus nasceu em 1810, no povoado de Santo Antônio do Rio das Mortes Pequeno, um dos atuais cinco distritos de São João del-Rei, município de Minas Gerais, onde também foi batizada no dia 26 de abril de 1810. Pouco tempo depois sua família mudou-se para a cidade de Baependi, no sul de MG, onde ela viveu até 14 de junho de 1895, data de seu falecimento. Francisca foi sepultada dia 18 de junho no interior da capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição. (Nota da IHU On-Line)

33 **Odete Vidal de Oliveira ou Odetinha** (1930-1939): é uma serva de Deus brasileira, cujo processo de beatificação se iniciou no dia 18 de janeiro de 2013, após o reconhecimento formal de diversos milagres a ela atribuídos. O culto à Menina Odetinha intensificou-se a partir dos anos 1970, quando seu túmulo no Cemitério de São João Batista virou local de peregrinação para seguidores em busca de auxílio espiritual. (Nota da IHU On-Line)

de João Paulo II³⁴ e João XXIII³⁵ mostram fortemente o exercício do poder dos papas e sua influência direta na crença dos fiéis.

O culto aos santos sempre existiu no cristianismo. Temos acesso a essa crença a partir de inúmeros indícios do passado trazidos à luz da arqueologia, das imagens e das hagiografias – relatos sobre vidas de santos³⁶. Os mártires das primeiras perseguições romanas são até hoje importantíssimos na estrutura dos cultos católicos. Por volta do século XI a Igreja passou a instituir a necessidade jurídica de um processo para a averiguação da chamada *fama* de santidade atribuída a homens e mulheres, principalmente, nas proximidades de seus locais de morte e sepultamento. O processo de canonização é, então, contemporâneo do momento no qual o direito romano era “redescoberto” no Ocidente e também da compilação/elaboração do que ficou conhecido como Código de Direito Canônico. Através desse instrumento, os papas deixavam evidente que a responsabilidade e o poder de reconhecer quem poderia ser cultuado como santo era uma prerrogativa do pontífice.

Com o tempo foram sendo instituídas as diferenças entre santos e beatos, veneráveis, servos do senhor... etapas que passaram a ser exigidas até a canonização. Da primeira “instância”, a saber, a de “servo do senhor” à última, a saber, a canonização, dois milagres passaram a ser considerados itens indispensáveis. Muitas vezes, pensa-se que na Idade Média as pessoas eram mais “ignorantes” e que acreditar em santos e em demônios era mais comum. Porém, o papa

34 **Papa João Paulo II** (1920-2005): Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana de 16 de Outubro de 1978 até a data da sua morte, sucedeu ao Papa João Paulo I, tornando-se o primeiro Papa não italiano em 450 anos. (Nota da IHU On-Line)

35 **Papa João XXIII** (1881-1963): nasceu Angelo Giuseppe Roncalli. Foi Papa de 28-10-1958 até a data da sua morte. Considerado um papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, convocou o Concílio Vaticano II. Conhecido como o “Papa Bom”, João XXIII foi declarado beato por João Paulo II em 2000. (Nota da IHU On-Line)

36 TEIXEIRA, I. S. (Org). *História e Hagiografia sobre a hagiografia medieval*. São Leopoldo: Oikos, 2014. NO PRELO. (Nota do Entrevistado)

que mais efetuou canonizações foi João Paulo II. Isso pode ser explicado, por exemplo, como uma tentativa da Sé Apostólica a enfrentar as constantes perdas de fiéis para os movimentos neopentecostais. Um indício desse fenômeno é a reabilitação na Igreja da figura do Padre Cícero³⁷, importantíssimo no culto popular no Nordeste do Brasil. Essa reabilitação ficou a cargo do então cardeal Joseph Ratzinger³⁸

37 Padre Cícero (Cícero Romão Batista, 1844-1934): religioso e político brasileiro. Exerceu grande influência sobre a população do interior nordestino. Ordenado padre em 1870, foi designado, em 1872, vigário de Juazeiro do Norte, lugarejo no município de Crato. Desde cedo exerceu sua liderança entre o povo. Em 1889, sua popularidade aumentou ainda mais, pois começou a ser atribuída a ele a prática de milagres. Apesar de suspenso pela Igreja Católica, foi ampliando progressivamente sua influência, tornando-se o chefe político de maior prestígio do interior do Ceará. Representante das oligarquias agrárias, influiu decisivamente nas eleições de presidentes do Estado, deputados e senadores. Graças à sua atuação, quando morreu, Juazeiro havia se transformado em capital religiosa e econômica do sertão e principal centro de romaria de todo o Nordeste. O *Padim Cíço* (Padrinho Cícero), como é chamado por muitos, é considerado até hoje santo e protetor dos humildes do sertão. A partir da década de 1920, sua influência política foi sendo substituída pela fama de milagreiro. Em 1924, foi-lhe erguida uma estátua que se tornou objeto de devoção. Em 1973, foi canonizado santo pela Igreja Católica Apostólica Brasileira. (Nota da IHU On-Line)

38 Joseph Ratzinger: teólogo alemão, de 2005 a 2013 assumiu o trono de Pedro sob o nome de Papa Bento XVI e hoje é chamado de Papa Emérito. Autor de uma

“Pretendia analisar o que os homens e as mulheres de uma sociedade pensavam em comum sobre diferentes aspectos”

(papa Bento XVI entre 2005-2013), atual Pontífice Emérito de Roma. O atual papa, Francisco, no dia 27 de abril de 2014, exercendo essa prerrogativa papal, canonizou João XXIII com apenas um milagre reconhecido e não explicado pela ciência.

Concluímos, então, que, embora a distância temporal que temos

vasta e importante obra teológica, tem como um dos seus livros fundamentais *Introdução ao cristianismo* (São Paulo: Loyola, 2006). Renunciou em fevereiro de 2013 ao pontificado. Sobre esse fato confira o seguinte material publicado pelas Notícias do Dia do sítio do IHU, em 03-03-2013: *Conjuntura da Semana. Bento XVI. As primeiras avaliações de um pontificado*, disponível em <http://bit.ly/XkPinw>. (Nota da IHU On-Line)

atualmente em relação ao período medieval – e geográfica, porque não tivemos período medieval na história do Brasil –, o cristianismo é um legado romano portador de elementos que estruturam até hoje a forma como boa parte da nossa sociedade contemporânea lida com o sobrenatural e com o sagrado. Além disso, o exercício do poder do papa – ter o direito/poder de canonizar alguém mesmo quando não é obedecida a regra para tal – é um elemento que não pode ser negligenciado. A diferença é que, na Idade Média, esse poder foi constantemente colocado em xeque, tanto por membros da própria Igreja – vide as constantes nomeações de papas e antipapas tão comuns nos séculos finais do período medieval – quanto por reis e imperadores, como atestam as excomunhões e, até mesmo, o “sequestro” de um papa pelo rei Filipe, o Belo, da França em 1303. Atualmente, não se tem tanta proeminência nesse tipo de contestação, mas não podemos negar à Igreja Católica um lugar importante na configuração do mundo contemporâneo.

Leia mais...

- *Roma, alimento e paralisia da Idade Média.* Entrevista com Jacques Le Goff na edição 198 da *IHU On-Line*, de 02-10-2006, disponível em <http://bit.ly/R3ZReD>.

LEIA OS CADERNOS TEOLOGIA PÚBLICA

NO SITE DO IHU

WWW.IHU.UNISINOS.BR